

SIMPLOS PORTUGUÊS

Lima Barreto

José de Alencar

Augusto dos Anjos

Machado de Assis

Cruz e Souza

Pero Vaz de Caminha

Luis de Camões

Castro Alves

Cláudio Manoel da Costa

Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS

Apoio:



Patrocínio:



Realização:



virtualbooks on line

**Os Tamanquinhos de
Natal
François Copée**

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br

Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

Os Tamanquinhos de Natal

François Copée

Era uma vez - há tanto tempo que ninguém lembrava a data -, em uma cidade do norte da Europa - cujo nome é tão difícil de pronunciar que ninguém se lembra dele -, era uma vez um menino de sete anos chamado Wolff, órfão de pai e mãe, entregue aos cuidados de uma velha tia, mulher rude e avarenta, que só beijava o sobrinho no dia do Ano-Bom, e que suspirava de pesar sempre que lhe dava um prato de sopa.

Todavia, o pobre pequeno possuía tão bom caráter que, mesmo assim, estimava a tia, apesar de ter muito medo dela e de não poder olhar sem tremer para a grande verruga, enfeitada de quatro cabelos grisalhos, que ela tinha na ponta do nariz.

Como a tia de Wolff era conhecida por ter casa

própria e uma meia de lã cheia de moedas de ouro, não se atrevera a mandar o sobrinho à escola dos pobres; mas fizera tais diligências para conseguir que o mestre da escola onde Wolff estava lhe fizesse um abatimento, que aquele, mau e pedante, vexado por ter um discípulo tão mal vestido e pagando tão pouco, punha-lhe muitas vezes, e sempre com injustiça, o letreiro nas costas e a carapuça de orelhas de burro e chegava a excitar contra ele os outros alunos, filhos de burgueses abastados, que faziam do órfão o seu burro de carga.

Consequentemente, quando chegou o Natal, o pobre pequeno era infeliz como as pedras da rua e escondia-se em todos os cantos para chorar.

Na véspera do grande dia, o mestre-escola devia levar os discípulos à missa do galo e acompanhá-los depois à casa dos pais.

Ora, como o inverno era muito rigoroso, e como nos dias antecedentes, caíra grande quantidade de neve, os alunos chegaram à escola, à hora combinada, muito enroupados e agasalhados, com gorros de pele enterrados até às orelhas, dois e três casacos, luvas ou mitenes de lã e botas de sola grossa e pregueada. Wolff foi o único que se apresentou tiritando com seu traje de todos os dias, com os pés calçados em meias de Estrasburgo e de pesados tamancos.

Os outros rapazes, vendo o seu ar acanhado e o seu pobre traje de camponês, fartaram-se de troçar dele; mas o órfão estava tão entretido a aquecer as mãos, levando-as à boca, e as frieiras doíam-lhe tanto, que não percebeu isso. E o bando de

garotos, caminhando dois a dois, com o mestre-escola à frente, dirigiu-se para o povoado.

A igreja estava resplandecente de tochas acesas; e os meninos, excitados pelo calor agradável, aproveitaram o barulho do órgão e do canto para palrarem a

meia voz. Todos elogiavam a ceia que os esperava em casa. O filho do burgomestre tinha visto, antes de sair, um pato enorme, cheio de trufas, que o salpicavam de pontos negros, dando-lhe o aspecto de um leopardo. Em casa do primeiro almotacel havia um pinheiro pequeno dentro de uma caixa, e dos ramos desse pinheiro caíam laranjas, confeitos e polichinelos. E a cozinheira do tabelião prendera atrás das costas, com um alfinete, as duas pontas da touca, o que acontecia unicamente nos dias de inspiração, quando tinha certeza de executar com esmero o doce favorito.

Depois, falaram também no que lhes levaria o Menino Jesus, no que ele colocaria no sapato que eles teriam o cuidado de deixar na chaminé, antes de irem para a cama; e, espertos como olhos de ratos, os olhos daqueles garotos cintilavam antecipadamente pela alegria de verem, quando acordassem, o papel cor-de-rosa dos sacos de amêndoas, os soldados de chumbo enfileirados na sua caixa, as casinhas de madeira envernizada, e os magníficos palhaços vestidos de púrpura e lantejoulas.

O pobre Wolff sabia perfeitamente, por experiência, que a sua tia avarenta o mandaria para a cama sem ceia, mas, como estava certo de ter sido, todo o ano, tão obediente e aplicado quanto possível,

esperava, ingenuamente, que o Menino Jesus não se esquecesse dele e tinha a intenção de deixar os seus tamancos em cima da cinza da lareira.

Logo que terminou a missa do galo, os fiéis retiraram-se, impacientes pela ceia, e o bando de estudantes, sempre dois a dois, precedidos pelo pedagogo, saiu da igreja.

Fora, debaixo do p^ortico, sentada num banco de pedra, por cima do qual havia um nicho ogival, estava uma criança dormindo, uma criança coberta com um vestido de lã branca, e com os p^es nus, apesar do frio. Não era um mendigo, pois o vestido era asseado e novo, e ao seu lado, no ch^ão, viam-se, amarrados dentro dum pedaço de sarja, um esquadro, um compasso, um machado e outros utensílios de aprendiz de carpinteiro. O seu rosto, iluminado pela luz das estrelas, tinha uma expressão de bondade divina, e os seus cabelos compridos e anelados, de um louro ruivo, formavam-lhe uma espécie de auréola em torno da fronte. Mas os seus p^es pequeninos, arroxeados pelo frio daquela noite cruel de dezembro, oprimiam o coração.

Os estudantes, tão bem vestidos e calçados para o inverno, passaram com indiferença junto da criança desconhecida. Alguns, filhos dos indivíduos mais notáveis da terra, dirigiam àquele vagabundo um olhar onde se lia o desprezo dos ricos pelos pobres, dos gordos pelos magros.

Mas o pequeno Wolff, que fora o último a sair da igreja, parou, comovido, diante da formosa criança que dormia.

- Ah! pensou o órfão, que horror! Este pobre

pequeno anda descalço, com um tempo tão mau... E, o que é ainda pior, não tem um sapato ou um tamanco onde o Menino Jesus possa deixar-lhe alguma coisa para lhe diminuir a miséria, enquanto ele dorme!

E, levado pelo seu bom coração, Wolff descalçou o tamanco do pé direito, pô-lo no banco, ao lado da criança adormecida, e, conforme pôde, ora com o pé no ar, ora molhando a meia no gelo, voltou para a casa da tia.

- Que grande velhaco! exclamou a velha, enfurecida quando viu o pequeno descalço. O que fizeste do tamanco, miserável patife?

Wolff não sabia mentir, e, apesar do terror que sentia vendo os cabelos grisalhos do nariz da megera já eriçados, tentou, gaguejando, contar a sua aventura.

A velha, porém, deu uma gargalhada medonha.

- Ah, o senhor descalça-se por causa dos mendigos!

Ah, o senhor inutiliza o seu par de tamanhos por causa de um vadio! . . . Belas coisas, sim senhor! .

. . Pois bem, visto isto, vou pôr na chaminé o tamanco que te resta, e o Menino Jesus há de deixar lá esta noite, asseguro-te, alguma coisa para te açoitar quando acordares . . . E amanhã estarás todo o dia a pão seco e água. . . Veremos se, para outra vez, tornas a dar os sapatos ao primeiro vagabundo que te aparecer.

E a velha avarenta, depois de dar umas bofetadas no pobre pequeno, fê-lo trepar para o sótão onde ele dormia. A criança, desesperada, deitou-se às escuras e não tardou que adormecesse com a cabeça no travesseiro ensopado em lágrimas.

No dia seguinte, pela manhã, quando a velha, acordada pelo frio e pelo catarro, desceu à sala debaixo - oh maravilha! - viu a grande chaminé cheia de brinquedos rutilantes, de caixas com bolos magníficos, de riquezas de toda espécie; e no meio destes tesouros, o tamanco do pé direito, aquele que seu sobrinho dera ao pequenino vagabundo, estava ao lado do pé esquerdo, que ela deixara aí nessa mesma noite, e onde colocaria algumas chibatas.

E enquanto o pequeno Wolff, que acordara ao ouvir os gritos da tia, se extasiava ingenuamente defronte dos esplêndidos presentes de Natal, ouviram-se grandes gargalhadas lá fora. A velha e a criança saíram para saber o que aquilo significava, e viram todas as vizinhas reunidas em volta do chafariz. O que sucedera? Uma coisa muito engraçada e muito extraordinária! Os filhos de todos os ricos da terra, aqueles cujos pais queriam surpreender com os melhores presentes, tinham encontrado apenas chibatas dentro dos sapatos.

Então, o órfão e a velha, lembrando-se das riquezas que estavam na sua chaminé, tiveram medo; mas, de repente, chegou o senhor cura, com a fisionomia transtornada. Tinha visto, naquele momento, por cima do banco colocado à porta da igreja, no lugar onde, na véspera, uma criança vestida de branco e descalça, apesar do frio, estivera com a cabeça encostada, dormindo, um círculo de ouro incrustado na pedra.

Todos se benzeram com devoção e, compreendendo que aquela formosa criança adormecida, que tinha

ao seu lado utensílios de carpinteiro, era Jesus de Nazaré em pessoa, que se transformara por uma hora no que fora quando trabalhava em casa de seus pais, curvaram-se perante aquele milagre que Deus se dignara de fazer para recompensar o ânimo e a caridade de uma criança.

FIM